

**RETRATOS EM PRETO E BRANCO, FIGURAÇÕES DO HUMANO, NAS TUAS
MÃOS, REVELADO?**

Carina Dartora Zonin¹

RESUMO

Neste estudo, propomos um olhar, entregue à obra **Nas tuas mãos**, de Inês Pedrosa, com o propósito de ver a fundo, para além das aparências, o ‘humano’, essência universal de que somos feitos. Na intimidade do tom confessional, que perpassa os relatos das personagens Jenny, Camila e Natália, os retratos, em diferentes cores e tons, de tempos degradantes, de vozes que, em certa medida, mantêm-se vigilantes e punitivas, afeitas à moral e aos bons costumes, que fazem perpetuar a supremacia da tradição e/ou a robustez de sua sombra, rígida e fixa, sal da terra e luz do mundo a gerações, em detrimento do próprio ‘ser’. Para tanto, cada vez mais frágeis e frustrados, revelam-se os laços humanos, centro de nossa investigação, a ser iluminada, no desvendar dos retratos, pelas reflexões pontuais de Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Laços Humanos. Degradação. Tradição. Modernidade.

“[...] o principal herói deste livro é o relacionamento humano.” (BAUMAN, 2004, p. 08).

Enquanto ainda descansam, nas tuas mãos, os retratos!

Antes de mais nada, cabem, aqui, algumas notas introdutórias, espécies de guias, que alertarão para o tipo de leitura que nos propomos, neste estudo. Na intimidade dos gêneros, o ‘diário’, o ‘álbum’, a ‘carta’, o tom confessional de um tempo velado pela tradição, pela rigidez dos costumes, pela presença vigilante da moral. Cada qual, a seu tempo, ressentindo, em diferentes dosagens, feixes de luz e sombra, sobre o humano, possibilidade de vida, possibilidade de morte, ascensão e nulidade concorrentes, forças contrárias em constante atrito e disputa. A escrita, assim, como refúgio, desabafo, escape, sublimação; os tempos sem

¹ Carina Dartora Zonin, doutoranda em Literatura Brasileira, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Câmpus Ibirubá.

saída e sufocantes de Jenny, em direção a indícios de fissuras e um que outro suspiro aliviado, à época de Camila, quiçá, projeção de janelas e portas se abrindo, e um respirar mais folgado dos dias de Natália. Três mulheres, três tristes sinas de protagonistas.

- Sim, a questão de gênero, repassando estigmas e problematizando-os daria muito pano para a manga, sem dúvidas. No entanto, nosso ponto de partida repara outra questão, a de refletirmos em torno da precariedade dessas vidas, constantemente, monitoradas pelos ditames da tradição. O nó desse fio que estamos puxando, provavelmente, nos remeta à condição humana, afetada pelo trato insensível dos receituários de bom comportamento, acompanhados, é claro, pelo selo social da burguesia, algo que, em parte, a renovação modernista combateu, trazendo, por outro lado, novos problemas de degradação subjetiva. Historicamente, seguimos posturas, comportamentos, discursos, atitudes, por vezes, sem o aval do que, realmente, acreditamos, queremos, desejamos, afinal, podemos esperar, quem sabe, seja mais fácil nossa própria compreensão do que o convencimento do outro. - É, é isso mesmo, deixa pra lá, é melhor não correremos o risco de sermos diferentes. Assim, vamos colecionando frustrações, negações, privações. - Explodir? - Não, o melhor é escrever... Aí, reparem, que, ao aflorar dos recalques mal digeridos, o próprio 'eu' vai, aos poucos, revelando-se. Ora, ao descortino de individualidades renegadas, frente à precariedade do próprio ser, a 'humana condição', de que carecem os personagens pedrosianos, deixa transparecer uma vulnerabilidade histórica a que eram submetidos. Assim, interessa, pois, observar em que termos se dá seu dilaceramento? Ou, ainda, de que matéria se revestem os laços humanos, assim frios, assim vazios, assim indiferentes?

Sem pretendermos, contudo, um ensaísmo teórico-reflexivo, mas, antes, um olhar entretido no desfolhar dos retratos ficcionais do romance, o convite ao diálogo conceitual com Zygmunt Bauman mais incentivará futuras leituras do que, propriamente, sairá sanado destas páginas, uma vez dedicadas à experimentação da leitura literária. As eventuais pontes conceituais carecerão de serem percorridas com mais folego, restando, aqui, como um piscar de olho, alertando para um possível diagnóstico do humano universal, em termos teórico-reflexivos, dessa essência de que nos julgamos possuidores, será? Sem mais delongas, acordemos, pois, os retratos!

Hora do acordar, oh! humano, no retrato, desfocado!

Eis o momento de nos entregarmos a fruição estético-literária do romance, aos labirintos existenciais do próprio ser, no arriscado desvendar do humanismo universal do homem, em tempo, diria o poeta, de muitas pedras no meio do caminho... Para tanto, sem nos atermos à cronologia dos depoimentos confessionais, crendo, antes, na experimentação dos retratos no conjunto, interessa mais revelar a tensão social conflitiva em constante relação, entre tradição-renovação, de que sofre o sujeito e suas crenças, medindo mais pelo desequilíbrio e pelo choque de gerações do que pela percepção, em separado, da intensidade desse embate. Por vezes mais, por vezes menos reincidente, essa força, intratável, da tradição influencia no comportamento subjetivo, entre conivente e reacionário, a essência humana de que buscamos dá indícios, deixa pistas de que algo dessa relação ‘vai’ e ‘não vai’ bem. É desse resgate que trata o texto literário de Pedrosa, é dessa vazão subjetiva, lida em chave de leitura crítico-fruitiva, o desaguar da fonte, até então represada, limpando e purificando, ‘na’ e pela ‘recriação’, a essência universal de que somos feitos, oh!, vil e frágil indivíduo, queres, ainda, que te distingam ‘humano’?

A leitura do romance permite-nos sentir a força da tradição através dos tempos. A começar, no diário de Jenny, percebemos o poder do sistema sócio-cultural da época agindo sobre a sociedade, a total submissão do ‘eu’ frente às regras de boa conduta. É o mundo das aparências e das máscaras, em que o ser se esconde dentro de si, luta para não se mostrar e acaba sufocado, perdido e, totalmente, tomado por um tempo que anula a natureza humana. Em seguida, no álbum de Camila, persiste uma força reacional que procura se estabelecer frente ao sistema e que é, constantemente, podada por ele. Há, ainda, a supremacia dos bons costumes e, as pessoas que procuram constituir uma essência humana mais sólida e experimentada, sofrem com as peripécias próprias de um tempo opressor. Por último, nas cartas de Natália, encontramos traços da era pós-moderna e algumas pinceladas de mudanças e de transformações frente aos tempos de Jenny e de Camila; há o rompimento de alguns paradigmas indissolúveis em tempos de sua avó e de sua mãe, respectivamente. Percebemos, pois, certa desenvoltura do eu, uma supremacia inatingível em tempos passados, mas que, de qualquer forma, acaba retrocedendo e estagnando na tentativa de um sorriso feliz e sem mácula, desejado em todas as gerações e cujo princípio temos em Jenny:

A tua cabeça rodou na direção do meu rosto, os teus olhos fecharam-se e a tua boca avançou para a minha, através de uma lenta rota de luz, risos e lágrimas. Quando os teus dentes morderam os meus lábios alguém gritou ‘Bravo!’ como na ópera e eu

soube que nunca uma rapariga havia sido assim amada. ‘Espere’, dizias tu, conosco há de ser diferente... (PEDROSA, 1999, p. 13)².

A força da tradição e dos bons costumes age, negativamente, sobre essa ponta de esperança. Essa mesma que levou Jenny a crer, romanticamente, que iria se concretizar ao lado de António José Castro Morais, o Tó Zé, e ter realizados os sonhos de uma rapariga em idade de casar. No decorrer da leitura, percebemos a imposição dos costumes sobre esse brilho que tenta ser irradiante, Jenny procura a luz, mas, a obscuridade parece alastrar-se, logo no início de seus relatos: “Nunca fui de falar muito. A minha mãe reforçava convenientemente a minha incomunicabilidade doutrinando-me na lei da poupança verbal: uma idéia, meia palavra.” (p. 15).

Se, por um lado, temos o vigor da natureza humana, por outro, com muito mais força, persiste o sistema ditatorial, aquele que emoldura os laços humanos e os condensa a tal ponto, que imobiliza e leva à estagnação o próprio ser. Em outro tom, falamos de um estado opressor que tende a levar os resquícios de esperanças às profundezas mais obscuras do humano, fazendo com que o sangue deixe de pulsar e o vigor se estenda em tédio e lamentações num tempo que prende e atrofia as muitas e muitas tentativas de autoafirmação: “A minha mãe não admitia que o saber alheio a suplantasse, e, aliás, garantiu que eu lhe ficasse sempre atrás. ‘Dá cá isso, eu faço, tu não és capaz.’” (p. 17).

Os laços humanos fazem o tipo necessário à perpetuação da tradição, de seu receituário anacrônico às futuras gerações, antes de projetar o amor, uma vivência materializada desse sentimento, de relações de afetividade, dentre elas, a consumação do matrimônio através da relação sexual. A união de Jenny e Tó Zé sofria, fortemente, a pressão do tempo, era muito mais um ato formal e necessário do que uma vivência, propriamente dita, dos desejos humanos. Além disso, escondia, por traz da moldura do casamento, indícios de uma provável fuga por parte do homem que, irrealizado, buscava em outro, a possível realização para a sua masculinidade; para a mulher, vítima do patriarcalismo, cabia a cumplicidade. Em palavras de Jenny e de Pedro, o suposto amante de Tó Zé:

O Pedro gostava de me escovar os cabelos devagar antes de me fazer as tranças, tu querias ver-me sempre de tranças e laços. Nas repetidas escapadas do Pedro eu subia a bainha aos vestidos brancos de bordado inglês, punha soquetes e aninhava-me ao teu colo, tua acariciavas o rosto, as mãos, as pernas. Uma vez chegaste a deitar-me

² Por se tratar da obra em análise, **Nas tuas mãos**, de Inês Pedrosa, a que recorreremos constantemente, passaremos a utilizar, nas próximas citações, como indicação de referência apenas a numeração de páginas, uma vez que se trata da mesma edição e do mesmo livro.

no chão e encheste-me o peito de dentadas e lágrimas, estiveste quase a possuir-me e depois pediste desculpa, eu disse-te ‘vem para dentro de mim, não tenhas medo’, e tu disseste: ‘Não posso, meu anjo. Não seria justo para si. Eu sou dele, Jennifer. Se quiser. Abandona-me.’ (p. 17-18).

Por força maior, vinda dos costumes sociais e do medo de enfrentamento, já que esse, por certo, a exilaria de seu papel social de ‘moça de família’, Jenny não foi além do desabafo da escrita. Em diálogo com Bauman, “os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social.” (BAUMAN, 2001, p. 14):

Nem por um segundo me ocorreu desfazer o nosso casamento. No entanto, preciso de te dizer que existiu mais do que pura paixão e livre entendimento na minha decisão de permanecer contigo para sempre. Houve, também altivez, querido António. [...] A pouco e pouco, desenvolvi a capacidade de me cingir à felicidade essencial de ser a tua mulher. Tu, que nem sequer olhavas para uma mulher, tinhas-me escolhido para viver ao teu lado uma vida inteira. O sexo que eu desconhecia não podia roubar-me o êxtase desta aventura. Permanecia tua namorada, cúmplice do teu amante. (p. 18).

Dentre os tradicionalismos, segundo os estudos de Antony Giddens (2005), em seu texto **Mundo em descontrolo**, temos um apontamento para a questão da homossexualidade e que, no texto de Pedrosa (1999), é um indício do comportamento de Tó Zé. Em algumas sociedades, lembra o autor, os meninos eram encorajados a estabelecer relações sexuais com homens mais velhos como uma forma de instrução sexual, algo que deveria ser superado após o noivado ou casamento e que, sustentando essa hipótese, não ocorre com o marido de Jenny, figurando, em mais um caso, uma força da natureza humana sob a pressão, ininterrupta, da tradição.

Com o tempo, as transformações socioculturais afrouxarão os cintos de castidade que de tão, seriamente, polidos pelos senhores da tradição, envergonham quem dele necessita. Mais uns bons passos adiante e a conversa ganharia ares mais exigentes, com Bauman (1998), em seu texto **O mal-estar da pós-modernidade**, e, todavia, anos-luz da época de Jenny, que trataremos em seguida:

Todas as noites da minha vida agradei a Deus o dom desse sentimento que nunca mudou. À minha volta, muitos casamentos desabaram, outros apodreceram de depressa, embalados na música veloz de um tempo cada vez mais aflito. O nosso manteve-se branco e suspenso sobre as convulsões do mundo. (p. 19).

Jenny, através de suas confissões, volta a (re)visitar o passado e, acima de tudo, a questioná-lo. Escreve, especialmente, para Camila, a filha que ela não teve de seu

matrimônio, mas que, tangencialmente, assume o papel de mãe adotiva, aproximando-a de mais um de seus amores não correspondidos, o que nutriu por Pedro. Camila, filha de Pedro e de Danielle, uma judia que morre tragicamente, é entregue à Jenny para ser criada. Em tom confessional, no seu diário, vai revelando, aos poucos, a dádiva que passa à Camila, sua sucessora, no amor e no tempo: “Cada ser tem o seu segredo, cada amor o seu código intransmissível. Do nosso amor nasceste tu, e devo-te um esforço de decifração desse código que é a tua herança, a luz que te é dada para que transformes na tua particular aparição.” (p. 20).

Jenny vai, aos poucos, fazendo advertências à Camila, com a altivez da voz de alguém que já absorveu e sentiu todas as mazelas da sombra que não dorme. Nessa atmosfera negativa, a mãe que a criou vai tecendo comentários que nos dizem muito de nossa temática, dos ‘laços humanos’, ou melhor, dos ‘laços inumanos’ [a quem desejar um diálogo teórico-analítico mais a fundo, Bauman (2004) pede para avisar que aguarda ansioso na sala ao lado]³:

O tempo tomou-lhe o lugar, mas o tempo gira ao contrário da luz, do branco para o negro. Por isso é preciso que gire a uma velocidade cada vez maior, para que a vida passe sem darmos por ela. O amor, Camila, é o único travão da morte [...] A crueldade do amor e exactamente essa, imobiliza a vida na eternidade... (p. 21).

A sensação que nos passa é de um congelamento da vida, perpetuado através dos tempos. Os personagens de Pedrosa (1999), tal como vimos em Jenny, são imagens de uma época que as imobilizava, tal como os *flashes* fotográficos que Camila lançava na tentativa de retratar um momento em que as pessoas pousavam para esses cenários, para essas molduras que as prendiam de modo a simbolizar a dor e o sofrimento estatelados no tempo. Em palavras de Jenny: “Atravessei épocas materialmente complicadas, mas a imobilidade do amor manteve-se inalterada no centro de minha vida.” (p. 22).

Para chegarmos ao curso dos tempos em que leremos as cartas de Natália, necessitamos, contudo, nutrir ao máximo as expressões que reforçam os padrões da época de

³ Há, e só para dar uma palhinha, algumas preliminares à impulsionar o diálogo: “Em nosso mundo de furiosa ‘individualização’, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. ‘Relacionamento’ é o assunto mais quente do momento, e aparentemente o único jogo que vale a pena, apesar de seus óbvios riscos.” (BAUMAN, 2004, p. 06).

Jenny e de Camila. Esses, no entanto, tão fixos e tão aliados aos costumes que, às vezes, parece-nos, infinitamente, impossível, chegarmos a uma possível e real transformação. Em palavras de Jenny: “Tudo o que há para saber do amor é deslumbrada aceitação.” (p. 23).

Sobretudo, ao fundo e às escondidas, Jenny procurava relativizar as aparências típicas de seu tempo e relutava para que ficassem resquícios, pistas, indícios de um tempo feliz: “Não procures explicação para a minha vida, nem a tomes com pena ou escândalo; quando eu ficar tão velha que pareça louca, lê nestes cadernos que eu fui feliz.” (23).

Com o passar dos anos, no entanto, Jenny vai rendendo-se a afirmações de uma vida ingloriosa. Suas palavras, já sem perspectivas, deixam descobertas a fragilidade e a precariedade de seu ser; a certeza do abandono e da anulação de sua subjetividade, cada vez mais, revelam-se, intransponíveis. Assim, segue reinventando impressões, teorias, receituários caseiros; o passar das contas do relógio e o apego, triste e trágico, a refúgios, paliativos, sedativos:

Se calhar fui a única mulher do mundo a desejar envelhecer. Assustava-me a ideia de acordar todos os dias da vida com a mesma pele lisa de objecto sem passado. [...] Aos vinte anos, combatia as minhas inseguranças através de um humor bastante cruel. Diziam: ‘Que céptica, esta rapariga!’ e eu julgava que o cepticismo era um sinal de inteligência. Agora, o meu humor tornou-se mais gentil, mais bem comportado. Pelo menos assim o espero. Não quero magoar ninguém. Isso para mim passou a ser fundamental. As pessoas passam metade da vida a maltratar-se umas às outras, por medo e necessidade de afirmação. É uma actividade triste e profundamente inútil. Já não tenho vergonha de ser meiga; foi uma das coisas que me levaste quando morreste. (p. 26-27).

O encerramento em si é uma recorrência perceptível em todas as gerações: Jenny tinha poucas amigas, era muito próxima a Josefa Nascimento; Camila era muito amiga de Glória e Natália tinha forte amizade com Leonor. Em todas elas, o mesmo desenlace. Acabam, por um motivo ou outro, distanciando-se do cultivo das relações humanas. Algo próximo, ocorre em suas vidas amorosas, a intensidade do amor, tangenciada pelo mais profundo e derradeiro distanciamento, isso bem ao gosto da época, diga-se de passagem. Em diferentes dosagens, sobressai a representação de um tipo social, de onde o humano perde voz e força. Nessa conta, Josefa, Glória e Leonor representam escape, possibilidades de superação do sistema opressor, incontornável, claro. Mais um pouco e, provocando futuros diálogos, desta vez com Roberto Schwarz (2000), os então chamados ‘mecanismos internos e ativos da cultura’ vão, timidamente, vindo à tona e mostrando suas garras aterrorizantes, ainda que envoltos de uma atmosfera ofuscante em que nada, absolutamente, pode ser visto ao natural:

Agarrar-te, António, ser-me-ia impossível. Creio que por isso mesmo me escolheste: porque eu era leve ao toque, escorregadia como um peixe. Só o meu dinheiro pesava, um peso muito conveniente, não era, meu querido? Não, não digo que casaste comigo por dinheiro. Havia muitas outras meninas ricas prontas a levar-te ao altar. Claro que, sem a fortuna da minha mãe, não me terias sequer considerado, mas sem essa fortuna eu própria seria outra. (p. 51).

Cuidadosamente, por meio de um falar indireto, o capital, moeda de troca das relações inter-humanas, aflora. Espécie de vetor existencial, regula e/ou sedimenta os elos sociais, funcionando, muitas vezes, como um catalizador que ora atrai, ora repulsa relacionamentos. No diálogo com Bauman:

Em sua versão à venda, os vínculos se transformam em mercadorias, ou seja, são transportados para um outro domínio, governado pelo mercado, e deixam de ser os tipos de vínculo capazes de satisfazer a necessidade de convívio e que só nesta podem ser concebidos e mantidos vivos. Não pode ter êxito a caçada movida pelo mercado ao capital descontrolado que se esconde na sociabilidade humana. (BAUMAN, 2004, p. 43).

Do mesmo modo, vítima do mesmo contrassenso são as já mencionadas relações afetivas de António. Ele, tampouco, pode viver sua paixão por Pedro, tendo que sufocar seus sentimentos e aderir a uma vida de aparências. Jenny foi a escolhida para compor ao seu lado um papel social, foi sua cúmplice fiel, confidente para as longas horas de silêncio. Nos bastidores da vida, a escrita como refúgio e resgate para Jenny, desabafo e revelação de um amor clandestino, o de António por Pedro: “Ele queria amar-te com a obsessiva exactidão com que tu o amavas, e esse permanente hiato de desejos impossíveis adejava entre os dois como um sol privativo.” (p. 35).

O artificialismo das regras de boa conduta não têm limites e tudo, absolutamente, passa a ter que passar por este filtro. Assim o faz António que, possuído pelas lentes uniformes da tradição, exige da natureza ao redor, das árvores do jardim, o mesmo rigor, a mesma plasticidade: “Só as suportes disciplinadas, talhadas à medida da vida.” (p. 38). E é dessa vil e insensível medida, no entanto, de que sofre o próprio sujeito. Jenny, que se entrega à escrita, dá sinal de seus sentimentos, de sua infelicidade no casamento, de suas fraquezas, de seus medos. É a ‘natureza’ que a indiferença de António e a irredutibilidade da tradição ameaçam, manipulam e corrompem. Implosão de flores já sem cor, sem cheiro, a vida de Jenny pulsando, lentamente, “amestrado, o jardim de que vocês sonhavam fazer uma obra de arte tornou-se incontrolável, um labirinto de ocultas vontades que mudava as vozes e acelerava os instintos de quem nele se demorasse.” (p. 38).

Sugada por esse artificialismo, Jenny sinaliza, em seu diário, toda a sua revolta, é a voz que se rebela contra as imposições e mazelas de seu mundo. Toda a submissão, de que o tempo opressor, lhe fez suportar, ganha forma na escrita como uma espécie de transfiguração da dor, do tédio, da insatisfação. Graças a essa insinuante reviravolta social, forjada pelo suor e pela cumplicidade das gerações anteriores, a natureza humana se fortalece, ganha fôlego e possibilidades de ascensão, algo que se tornará ainda mais gritante nas cartas de Natália: “A necessidade de afirmação da natureza humana possui, meu querido António, uma violência biológica capaz de arrasar instantaneamente o bellissimo castelo de cartas da nossa cultura.” (p. 39). De todos os modos, em todos os momentos retratados, algo de uma atmosfera cinza se perpetua, coíbe o humano e nega o jogo de possibilidades, na voz de Jenny, que avalia a trajetória de Camila:

Para ser aceite no mundo dos homens, a Camila esquarteja-se como eles sempre se esquartejaram, separa o corpo do coração e os sentimentos do pensamento, constrói categorias abstractas como diques capazes de sustentar a lava ardente da vida. Dois esforços igualmente patéticos de inutilidade. Dois tempos girando em falso, ensurdecendo a voz absoluta do caos através da ruidosa coscuvilhice da Razão, deusa contemporânea que encontra no poder do seu discurso a vingança do esquartejamento que a fez nascer. (p. 40).

Ainda, aos olhos experientes de Jenny, Natália teria a missão de “libertar as mulheres do terrível jugo masculino.” (p. 42). No entanto, a sombra infeliz de que falamos não se dissolve de todo e segue se impondo na vida de nossas heroínas. Assim, a recusa de uma vida arruinante, à vez de Natália, não a liberta de continuar, tragicamente, a triste sina, assim como se passou, permanentemente e sem qualquer suspiro, com Jenny. Invariavelmente, viveram as três, Jenny, Camila e Natália, enclausuradas nesse quadro que as sufocava e as inibia, deixando imerso o carácter humano que as particularizaria, se tivessem tido espaço para isso.

Em voltagem máxima, de crueldade e de frieza, o sentimento de solidão e impotência abala os dias de Jenny, a sua ansiedade e/ou curiosidade por se descobrir mulher: “Aprendi a fazer amor sozinha a ver e ouvir, do lado de lá da parede, como tu fazias amor com o Pedro.” (p. 50). A cumplicidade e o dever de se comportar como uma ‘mulher casada’, seguindo a cartilha social, a impedia de se entregar a seus desejos mais íntimos e a vivê-los, efetivamente, com outro homem, tal como o encontro com o comunista espanhol, em uma das muitas festas, organizadas por António, em comemoração ao fim da guerra:

Creio que só não chegámos a consumir o acto porque o meu alheamento o desconcertou. Devia ser contra os princípios dele possuir uma mulher que apenas se

deixasse levar, sem cooperar. Mas a intensa atracção física que me empurrava para ele como um ímã enquanto falávamos desfez-se logo que ele me tocou. (p. 52-53).

Ao mesmo tempo em que forças de contenção agem em prol da rigidez dos costumes, outras menos densas seguem corroendo e subvertendo as bases, através das quais se formam e se condensam os receituários sociais. Assim, nas conversas de Jenny e Natália, registradas em seu diário, observamos o surgimento de uma época que, aos olhos de Bauman (2004), em seu texto **Amor líquido**, registra uma quantitativa perda de forças da tradição para dar lugar à fluidez dos laços humanos, em que, ao contrário, nada, absolutamente, é feito para durar, uma afronta ao comportamento clássico e, ao mesmo tempo, um sinal de alerta aos novos tempos, à deusa da modernidade. Em palavras do autor:

‘Derreter os sólidos’ significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o ‘nexo dinheiro’ (BAUMAN, 2001, p. 10).

A liquidez, cada vez mais latente, que afoga os velhos costumes, é inacessível à compreensão de Jenny, a seu modo de ver e de sentir, porto-seguro nas recordações de Natália. Vítima dessa perversão da matéria, Jenny é ainda a força histórica que reluta contra o desmoronamento do castelo de cartas que o comportamento clássico jurou ser sólido e inabalável. Em palavras da avó:

Queria lembrar-lhe as vezes em que me confessara: ‘Preciso de sentimentos à antiga, Jenny, com maiúsculas, lei e provas de passagem’. Tinha saudades dessas noites em que ela me falava do amor dos homens numa linguagem que eu podia entender, sem entrosamentos nem estatísticas. [...] Na minha juventude as mudanças eram lentas e parcelares. (p. 55; 70).

São esses passos lentos, abruptamente, rompidos nos tempos de Natália, pois com a modernidade em alta, a luta pela emancipação do indivíduo ganha os palcos e rouba a cena dos devotos da tradição, uma vez encarada a liberdade subjetiva como um direito e não mais como um tabu, um estigma, destinado à perecer, às escondidas. Em retrospecto, Jenny não se omitiu, totalmente, da história, participou dessa na medida em que, através de seu diário, deixou um legado às futuras gerações. Camila foi, para a época, um tanto persistente, não deixou de retratar o tempo, mesmo que em desacordo dos discursos moralizantes e autoritários. Natália teve sua força de expressão no momento em que protagonizou o seu divórcio com Álvaro, teve voz para dizer ‘não’, para abster-se de uma situação que não a fazia

feliz. Mesmo que por caminhos tortuosos, as três tiveram o seu momento de brilho, à procura da luz, do caminho que as levaria a serem, efetivamente, mulheres, dignas de seus próprios desejos, vontades, pensamentos, ideias e atitudes.

Ainda, a liquidez dos relacionamentos humanos, nos termos de Bauman (2004), é percebida por Jenny ao comparar os amores modernos aos eletrodomésticos, demonstrando o quanto estariam ‘coisificados’ os nossos sentimentos para com o ‘outro’, facilitando, em qualquer momento da vida, a troca e abalando a permanência das relações:

Substituímos a eternidade pela repetição, e o mundo começou a tornar-se monótono como uma lição de solfejo. Tememos a maior das vertigens, que é a da duração. Mas no fim de cada sucesso há um cemitério como o de Julieta e Romeu, apenas com a diferença da aura, que é afinal tudo. As pessoas morrem cada vez mais velhas e cansadas de correr, e os seus cadáveres tensos soçobram de ridículo sob a terra das suas efêmeras conquistas. (p. 75).

A repentina, despreparada e aniquilante emancipação do sujeito, aos olhos de Jenny, reforça uma perspectiva latente ao mundo moderno, ao mundo em que tudo acontece numa velocidade que, de tão alta, atropela o próprio ser. Nas correias de transmissão, fica, por vezes, a essência humana, vítima, outrora, da injeção dos costumes, aqui, sucumbe, justamente, pela falta deles. Uma e outra ponta, estanque e intransponível, os perigos do idealismo; o melhor, nessa conta, ainda é o meio, o intervalo entre elas, onde, variavelmente, ocorre a mistura, entre tradição e renovação, o equilíbrio de que necessitamos. Em palavras de Jenny:

Tomei consciência de que ia morrer no dia em que pela primeira vez me olhei no espelho e me reconheci. Soube da minha morte antes mesmo de saber exprimir-me correctamente. Hoje as crianças já sabem fazer contas e manipular computadores antes de saber quem são e de onde vieram. Ensinam-nas a andar cada vez mais cedo e já não passam pela fase de gatinhar. (p. 75).

Velocidade, velocidade, velocidade. O tempo anda devagar, o tempo corre, o tempo voa, - ih!, já era! É mais ou menos assim que vamos sentindo o fluir das mudanças com o repassar dos retratos. Televisão, computador, internet. O mundo de ontem, de hoje e de amanhã. É no mundo cada vez mais virtual que tem força a expressão de Jenny: “Eu sou do tempo da palavra.” (p. 85). Do tempo em que nem mesmo um sincero arrependimento seria, suficientemente, capaz de desfazer o compromisso social das relações ‘homem-mulher’. Visceralmente diferente das histórias de amor de Camila.

Para amenizar a dor que sentia pela perda daquele que a revelou o amor, Camila visita à África, lugar que guarda a memória do fim trágico de seu amor Eduardo. Por uma sina, outro de seus amantes morre em honra à pátria e Camila segue sozinha sua vida. Diferentemente de Jenny, temos aqui o que Bauman (1998; 2004), em seus textos **O mal-estar da modernidade**, chama de ‘nova sexualidade’ e, em **Amor líquido**, denomina de ‘líquido cenário da vida moderna’:

Éramos levianos por militância, sobretudo as raparigas. Para acabar de vez com o fúnebre baptismo erótico dos rapazes da nossa geração, que ainda se processava em casas de passe, deitávamo-nos com eles ao fim dessas longas madrugadas em que mudávamos o mundo. [...] Dormia com homens que não queria, e nem sequer era paga por isso. A escolha não ficava bem a uma rapariga livre, até porque as raparigas verdadeiramente livres, como eu – já mãe solteira e tudo – eram raras [...] Para ser saudável, a satisfação devia ser acompanhada de algum afecto. Éramos suficientemente modernos, no entanto, para saber que o sexo é um instinto animal e democrático, tão próprio do homem como de mulheres [...] A imaginação do tempo descrever-nos-ia, mais tarde, como a geração da luxúria e do sexo em grupo. (p. 118-119).

Tal cenário deságua no que o mesmo autor chama de ‘rápido definhamento das relações humanas’, despindo-as de intimidade e emotividade, coexistindo no esmorecimento do desejo de entrar nelas, conservá-las vivas. Nesse percurso dos tempos de Camila, notamos a lenta e contínua transformação dos costumes, a ‘revolução sexual em curso’, para usar a expressão de Bauman (1998). A essência, que outrora nutria o sonho e a fantasia dos laços humanos feitos para durarem até que a morte os separe, começa, então, a revelar desgastes mortais. Algo disso, Camila registra ao falar de seu pensamento sobre o divórcio: “uma pequena tragédia cotidiana. As reportagens da época explicavam essa avalanche de separações como uma conseqüência penosa, mas natural, da liberdade. [...] Dez anos depois [...] o divórcio se expandiu como um direito popular.” (p. 131). Atitude essa que, nos tempos de Jenny, era inconcebível. Algo desse sentimento trágico perpassa as impressões de Camila que vão além do tempo e percebem um fundo cinza que perpassa a nova era:

Dantes preferia o preto e o branco, porque a cor me parecia demasiado manipulável. E porque o mundo era preto e branco. Agora é a realidade que me aparece a preto e branco, a realidade destes dias em que a beleza se tornou obrigatória [...] Num futuro próximo, poderemos escolher por catálogo a nossa cara [...] O século vinte é uma era de penumbra. (p. 131).

De indisfarçada robustez, a atmosfera noturna prima pelo disfarce e vai, aos poucos, infiltrando-se, corroendo e corrompendo a essência humana de que somos privilegiados. Em palavras de Jenny, o diagnóstico dos novos tempos: “Prótese. Vocês resolvem tudo com

próteses! Mas eu sou do tempo em que as pessoas eram inteiras até o fim...” (p. 136). Sem medos, viseiras, deixemos, pois, descansar o que de humano restou nos retratos!

Deixai, pois, que repouse o que de humano [ainda] guarda o retrato!

Reavaliando o que ficou dos retratos desfocados, em cada uma das cenas registradas, entre os momentos de auge da tradição e seu inverso, quando a busca desenfreada pelo novo vigora de vez, a tão sonhada emancipação humana insiste como ponto de chegada, em maior e menor escala, em cada uma das três gerações femininas, Jenny, Camila e Natália. Jenny, a origem desse percurso, nutria, em silêncio, uma solidão e um espaço em ‘branco’ que a sufocava, como algo não resolvido, quiçá, um legado às futuras gerações, de Camila e de Natália. Aos olhos de Camila, no entanto, “somos herdeiras de uma ausência que está para além do nosso controle ou da nossa compreensão.” (p. 145). Nos registros de Natália, “agora choro sozinha, no meu quarto, ponho a música alta para que a avó não saiba que herdei de si mais do que esse fantástico dom da alegria que acende todos os sítios por onde passamos.” (p. 155). A autora constitui, assim, um cerco fechado, em que a ideia de sufocamento do humano perpassou em todos os momentos, passando-nos, sobretudo, a sensação de fragilidade e de impotência do ‘eu’ frente ao ‘outro’, que vem a ser quer uma parte desassistida de si, de seus sentimentos e desejos reprimidos, quer um outro eu que, com sua autoridade, reprime e constrange as relações inter-humanas, quer este outro seja o próprio contexto sócio-histórico, limitador e aniquilante.

Ainda, em retrospecto, o mundo de Camila, aos olhos de Natália, reforça a triste sina a que foram submetidas, desde a sua protagonista: “nessas fotografias aprendi a não temer o amor e a nostalgia [...], e tornei-me, sem que ela se apercebesse, uma outra espécie de caçadora de luz.” (p. 156). O mundo recatado e cheio de pudores de Jenny é vencido por aquele que não tem tempo a perder e que se despe de quaisquer entraves sociais para levar a efeito seus mais íntimos desejos. Aqui, cabe bem o triângulo amoroso, Camila, Natália e Álvaro. Em palavras de Natália:

Talvez o Álvaro pertença ainda à geração da minha mãe, que foi delapidando um a um os ‘grandes sentimentos’. Tinham medo de perder a cabeça e se deixar possuir pelas pieguices do demônio da Estupidez. [...] Às vezes penso: talvez seja, também ele, um produto deste regime de indiferença e regurgitação a que chamamos pós-modernidade, que parece aderir como uma luva ao longo hábito de languidez cultivado em Portugal. (p. 159).

Recapitulando as questões a que nos propomos, neste estudo, vamos a primeira delas, em que termos se dá o dilaceramento da condição humana? A segunda, de que matéria se revestem os laços humanos, assim frios, assim vazios, assim indiferentes? Dos retratos, rastros humanos insistem em fiapos de vida projetando o caminho de seus seguidores. Nos tempos de Jenny, o peso da tradição ordenava cabeças baixas e coniventes, seguidos de um suspiro um tanto aliviado, no limiar das transgressões, à época de Camila, algo que tem seu ponto de efervescência, à vez de Natália, quando se faz ouvir, enfim o grito de rebeldia. E daqui, eis o ponto que nos possibilita ver o que de humano ainda conservam os retratos. Se isto é ainda possível, claro!

É difícil, no entanto, entre fragmentos, colher o que os move, um em direção ao outro. Se, à época pioneira, creditava-se à unidade o próprio ser, aqui, desse ponto de vista que adotamos, a essência humana acompanha a precariedade subjetiva e, em estilhaços, tímidos resquícios, revela-se. E, a propósito, algumas das intuições de Jenny que apontamos na análise, repassamos, ainda uma vez, reforçando sua recorrência nos tempos modernos de Natália:

A verdade é que o dinheiro foi dominando tudo: sem ele, não se arranja um espaço para viver, nem os livros, filmes e viagens de que necessitamos para mudar o mundo. [...] Dir-me-á que nos falta generosidade que, no seu tempo, ampliava as casas e transformava uma côdea num banquete. Sim, parece-me que o tempo dos milagres acabou. [...] Hoje em dia já ninguém sabe muito bem quem eventualmente se pode dar ou vir a dar com quem. (p. 162-164).

Financiados pelo capital, os laços humanos estão em nova dinâmica de subordinação, agora não mais pela tradição, rígida e fixa, mas pela volubilidade do ‘ter’, a qualquer preço. O humano, agenciado pelo capital, tampouco, sobrevive. O que ainda há de combatente é justamente o que promove o traçado, simples e direto, de Natália. A constante perda de valores é típica da aceleração do mundo moderno, algo que fez com que Natália, por um momento, idolatrasse o ‘novo’, desprezando a história de que fez parte. A percepção de naufrágio total e/ou a escuta de sua essência, no entanto, fez com que retomasse a escrita espiando o ontem, momento em que Natália tranquiliza o espírito de Jenny para com a manutenção da arquitetura e da ornamentação da Casa do Xadrez:

Quero recuperar essa tradição dos serões da sua casa Jenny. Antes de me mudar para aqui pensava em remodelar a casa toda – sim, não se ria, para a tornar mais ‘funcional’, como eu costumava dizer-lhe. Mas assim que aqui cheguei percebi que

não posso fazer isso. Ia afastá-la da Casa, a si, ao avô Pedro, ao Tó Zé e até ao Manuel Almada. (p. 225).

Há, aqui, sobretudo, um ponto de equilíbrio entre as gerações, uma espécie de harmonia entre forças contraditórias, em que assegura um mínimo de tradição a um máximo de renovação, em benefício da essência que buscamos resgatar. Assim, o espírito de Jenny, que viveu conturbado no seu tempo, ainda parece sedimentar segurança às futuras gerações, seja pela força vigilante dos costumes, seja pelo ar temeroso para com o desconhecido. E, absorvendo o que de mais humano se banhou, suas palavras, escreve “eu fui feliz: Não quero casar-me com ele Jenny. Descobri consigo que ficar só é um privilegio de amante. Por mais que os acontecimentos o contradigam, a natureza não inclina para a fatalidade as mulheres da nossa família.” (p. 226-227). Ao final, o amor consumado, realização de gerações:

Deixei a porta de entrada aberta, e enchi de velas acesas o caminho da entrada até ao seu quarto, Jenny. Vesti a sua camisa de noite branca, de bordado inglês, e meti-me entre os lençóis de frioleiras bordados pela sua avó para celebrar a sua entrada no universo do amor real. No cartão escrevi apenas estas palavras suas: ‘Vem para dentro de mim, não tenha medo.’ E ele veio, Jenny. (p. 227).

Num novo tempo, Natália escreve o final desejado por Jenny, reescreve algo que não acontecera em épocas de sua avó, por força da tradição. Pedro fugiu dos braços de Jenny, mas Álvaro possuiu Natália sob o seu espírito; Jenny permaneceu nas mãos de seu destino cruel, mas Natália, solenemente, ata o seu espírito ao da avó e ressignifica o universo do amor real. É o recontar de um tempo que se mostra sob a luz tão buscada por Jenny e é essa luz que nos faz ver, definitivamente, por meio da recriação ficcional, a desmistificação da supremacia ditatorial sobre os laços humanos, no romance **Nas tuas mãos**, de Inês Pedrosa.

ABSTRACT

In this study, we propose a look, delivered to work **Nas tuas mãos**, by Inês Pedrosa, in order to see the background, beyond appearances, the 'human', universal essence of what we are made. In the intimacy of the confessional tone that pervades the stories of the characters Jenny, Camila and Natália, images, in different colors and tones, in times degrading, in voices what, to some extent, remains vigilant and punitive, akin to morals and good customs, which are perpetuating the supremacy of tradition and / or the strength of his shadow, rigid and fixed, salt of the earth and light of the world for generations at the expense of own 'being'. For that, increasingly fragile and frustrated, turn out to be human ties, center of our investigation, to be illuminated in the unveil of the portraits, by specific reflections by Zygmunt Bauman.

Keywords: Human Bonds. Degradation. Tradition. Modernity.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrol**e. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- PEDROSA, Inês. **Nas tuas mãos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.